

miliano, haurido em longas leituras de promotor em disponibilidade, numa cidade-fantasma.

E, aqui, a repetição não será demasia, segundo conceito gideano, a continuidade da literatura. Porque é essa estilização da linguagem brasileira que irá dirigir um dos rumos da pesquisa modernista, algumas do próprio Mário de Andrade, que, pelo menos em um dos trabalhos do **Primeiro Andar**, já se revelara contista regional; e essa orientação virá crescendo, até explodir em girândola nas páginas de Macunaíma.



artes visuais

Ferreira Gullar

MORANDI E A POÉTICA DO OBJETO

A morte de Giorgio Morandi marca o desaparecimento de uma das personalidades mais originais da arte contemporânea. Tão original que essa palavra parece pouco se adaptar à sua arte, que fugia a toda espécie de rebuscamento e arrojões. A originalidade do simples, numa época de retórica. A originalidade da paciência e da meditação numa época de pressa e ação.

A arte de Morandi era de tal forma nova que muita gente temia gostar dela e ser considerado um saudosista. Mas isso, também compõe o universo significativo, cultural, de sua obra, e serve para melhor aplicá-la.

De fato, a arte de Morandi não estava inteiramente em acôrdo com a pintura que se fazia no mundo paralelamente a ela. Morandi era contemporâneo mas não era moderno.

No entanto, os mais apaixonados vanguardistas sempre se detinham diante dele, com reverência. E gostavam sinceramente de suas naturezas-mortas de garrafas e objetos obsoletos. Por quê? Por amor ao seu contrário? Por nostalgia? Numa época em que o dinamismo leva à dissolução dos objetos, Morandi, num recanto tranqüilo da Bolonha, faz o objeto durar. Nessa contradição, é que vamos descobrir a sua obsolescência e a sua atualidade.

Dentre os vários enfoques com que se pode abordar o fenômeno da arte contemporânea, está o da relação entre o tempo exterior e o tempo interior. Isto é, a arte como representação do fluir ou da duração. Pode-se dizer que o Impressionismo, no seu afã de captar o instante, é, contraditoriamente, uma arte do devenir. Pelo menos, ali se exprime a luta do homem por fixar a face mutável do mundo e do tempo. O homem extrovertido sente-se fluir com a luz do dia, a cada minuto.

É Cézanne quem reage a essa entrega aberta ao devenir e busca encontrar a síntese entre a impressão fugaz e estrutura duradoura. Morandi é seu discípulo, na medida em que atende àquela necessidade de fugir ao fugaz. E leva adiante êsse propósito, a ponto de voltar à pintura de atelier, ao diálogo burguês com os objetos que vivem dentro de casa. Lá onde o sol não penetra, uma luz quase eterna desenha as formas estáveis das garrafas, bules e chávenas, que a poeira recobre pacientemente. E, como se estava à margem do tempo, Morandi trabalha.

Essa luta, que está presente em toda a arte contemporânea, com o tempo, reflete a questão social da arte, sua marginalização. É falta de função que coloca o artista nesse corpo a corpo com o tempo. Pintar para nada e para ninguém é **perder tempo**, perder a vida, gastá-la inútilmente. Daí a necessidade, para os artistas, de fundar no real o seu trabalho, isto é, o tempo que passa a pintar. Daí a necessidade de que o tempo do trabalho não seja um tempo qualquer mas um **tempo verdadeiro**, essencial. Os Impressionistas queriam que as suas pinceladas coincidisse com o próprio instante exterior do que pintavam, como se a natureza pintasse por suas mãos. Nasce aí a interiorização da pintura, que terminou por abandonar a aparência do mundo e buscar apreender-lhe apenas o fluir, que estaria, menos fora, do que dentro do homem. O tachismo é o resultado dessa redução: a exacerbada tentativa de dar sentido a uma atividade inútil. E Mathieu pinta em público para que o tempo que perde seja testemunhado por todos...

Morandi não precisa de testemunhas. Ao invés de disputar com o tempo, eliminou-o, o que equivale a eliminar a atualidade do mundo. Suas paisagens não têm sol, como os seus objetos, depois de certo tempo, não têm sombras: situam-se num espaço ideal. Na sua arte, a figura humana não existe, porque a sua presença é perturbadora. E não é por acaso que, na época moderna, a arte fundou toda uma poética sobre os objetos. Essa poética é o passo anterior à abstração. E é aí que reside a ambígua atualidade de Morandi, figurativo numa época de arte abstrata. É que a sua figuração, reduzindo os objetos a bruxuleantes imagens de um mundo ideal, também colabora nessa sistemática destruição das relações objetivas entre o homem e o mundo, de que a arte abstrata é a etapa extrema. Morandi não faz mais do que esgotar as últimas potencialidades de uma linguagem figurativa condenada a morrer.

Mas o que morre, com Morandi, e morrerá com a arte abstrata, é a poética do objeto, a arte que se nega a falar do homem e do mundo na sua condição concreta, social e politicamente definida. Sobre seus destroços se erguerá uma arte nova. ■